

posteriores à Guerra, que os escritores mais jovens produzissem uma literatura — pretendiam fosse ela uma campanha contra a literatura — que visasse a irritar as pessoas. Os dadaístas eram cínicos e histéricos, e sua obra se constituía num dos sintomas do caos social, intelectual e moral da Europa após o Armistício. O esgotamento das reservas vitais tivera, como resultado, tornar desesperada e estéril até mesmo a geração mais jovem da França, geração que mal chegara a tomar parte na luta, mas que crescerá na atmosfera da Guerra.

O Dadaísmo era um desenvolvimento excêntrico e peculiar do Simbolismo. As obras dos dadaístas nasceram da tradição simbolista, assim como seus embustes e brincadeiras fazem lembrar as perversas excentricidades *non sequitur* do "Pierrot Fumiste", de Jules Laforgue, e o passeio de Tristan Corbière por Roma com uma mitra, trajes de gala e um porco. Todavia, o escritor da primeira geração simbolista a quem os dadaístas mais parecem ter admirado foi um homem chamado Isidore Ducasse, o autor dos *Chants de Maldoror*, que se assinava "Comte de Lautréamont". Ducasse era um francês nascido no Uruguai, que veio para Paris em 1867, quando tinha vinte e um anos de idade, e que, cheio da literatura dos românticos, de Byron a Baudelaire, escreveu um livro imaturo, mas prometedor, no qual a expressão daquilo que se tornara, por essa época, a atitude convencional do Romantismo, recebeu acento ligeiramente novo e viu-se manejada de modo ligeiramente diferente. *Les Chants de Maldoror* está repleto das ferocidades e blasfêmias familiares, das familiares e sombrias confissões de pecados incommuns e magnificentes, levadas, porém, a grau inaudito por um jovem escritor que, evidentemente, sentia que seus predecessores lhe haviam imposto um padrão alto a ultrapassar; entretanto, as imagens de seus pesadelos e invectivas têm aquela peculiar qualidade fantasmagórica que iria ser característica do Simbolismo. Sabe-se muito pouco acerca de Ducasse, mas ele tem sido identificado, com bastante plausibilidade, a um homem do mesmo sobrenome, um orador social-revolucionário particularmente violento que atraiu certa atenção nos comícios populares autorizados por Napoleão III às vésperas da Guerra Franco-Prussiana. Ducasse foi encontrado morto em seu quarto certa manhã, três anos após ter vindo para Paris, e há razões para acreditar-se tenha ele sido morto pela polícia secreta de Napoleão. De qualquer maneira, um Ducasse lendário, magro, felino, pequeno e descarnado, com uma voz aguda e áspera e uma "tête de décapité", meio bufão mas com a energia de um demônio, incitando multidões com suas arengas

sanguinárias, e rabiscando a toda velocidade, durante suas noites solitárias, um livro de visões sádicas e escandalosas, tornou-se o orago do Dadaísmo.

Os próprios dadaístas se iriam tornar, com o passar do tempo, sociais-revolucionários; seu selvagem espírito de oposição encontrou novo campo no jornalismo político. E, abandonando o nome de dadaístas, conquanto ainda visassem à destruição da literatura convencional, entregaram-se à escrita automática, a que chamavam "Surréalisme".